

A ilha do tesouro

ROBERT LOUIS STEVENSON

Treasure Island (1881)

Tradução: Gabriel Naldi

Edição bilíngue: POR/ENG
Distribuição gratuita

mojo.org.br


CLLE
MUNDOS EXTRAORDINÁRIOS

Ilha do Tesouro

Robert Louis Stevenson

Traduzido por
Adriana Zoudine

Illustrado por
André Ducci

1ª edição

DEDICATÓRIA

Para S.L.O., um cavalheiro dos Estados Unidos para o qual, por seu apreço pelo clássico, esta narrativa foi criada e agora é, em agradecimento a tantas horas deliciosas e com os mais prósperos votos, dedicada por seu caro amigo, o autor.

AO COMPRADOR EM DÚVIDA

Se os contos do mar e suas canções
Sobre escunas, ilhas e exilados,
Aventuras, tormentas e trovões,
Sobre bucaneiros e ouro enterrado,
Antigos romances recontados
Da mesma maneira de outrora,
Que tanto me encantaram no passado,
Puderem conquistar os jovens de agora,
Que assim seja e assim se faça! Se não,
Se a juventude não mais aprecia
Os sabores das estórias de então,
Cooper contando suas travessias,
Ballantyne, Kingston e seu capitão,
Que matem essas e contem novas.
Que eu compartilhe com meus piratas
A mesma sorte e a mesma cova.

PARTE UM
O VELHO PIRATA

1.
O VELHO LOBO DO MAR NA ALMIRANTE BENBOW

Uma vez que o barão Trelawney, o dr. Livesey e os outros senhores me pediram para registrar em detalhes nossa aventura na Ilha do Tesouro, do começo ao fim, sem omitir nada além de sua localização — e isso somente porque lá ainda há tesouros a serem extraídos — empunho minha caneta e volto à época em que meu pai era o dono da pousada Almirante Benbow. Sob nosso teto se hospedou o velho homem do mar de rosto curtido pelo sol, no qual se via uma cicatriz de corte de espada.

Me lembro como se fosse ontem, quando chegou com um passo arrastado à entrada da pousada, um rapaz trazia seu baú em um carrinho de mão. Era um homem bronzeado, pesado e forte. Sua trança ensebada caía sobre seu ombro e o casaco azul surrado e sujo; tinha mãos grosseiras, unhas negras e rachadas; e a cicatriz, pálida e também suja, cruzava uma das bochechas. Lembro de como observou a enseada e assoviou para si mesmo, para então começar aquela antiga canção de marinheiro que cantaria tantas vezes depois:

Quinze homens no baú do defunto,
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!

Sua voz alta e entrecortada parecia ter sido treinada pelo chiado dos cabrestantes. Bateu à porta com o pedaço de pau que usava como bengala e, quando meu pai apareceu, pediu grosseiramente por uma dose de rum. Saboreou lentamente, como um *sommelier*, sem tirar os olhos dos rochedos e da placa da pousada.

— Esta é uma boa enseada — disse afinal —, e o botequim é bem localizado também. Vem muita gente aqui, companheiro?

Meu pai respondeu que não, que infelizmente pouca gente aparecia por lá.

— Então é isso — tornou o homem —, encontrei meu ancoradouro. Aqui, companheiro! — gritou para o rapaz que trazia a carriola. — Venha cá e leve meu baú lá pra cima. Vou ficar por uns tempos.

E continuou:

— Sou um homem simples. Só quero rum, bacon e ovos, e aquele quarto lá em cima, pra ver os navios passarem. Sabem como vocês podem me chamar? De capitão. Ah, é claro... aqui está.

E atirou quatro moedas de ouro pela soleira da porta.

— Me avise quando eu precisar dar mais — ordenou, severo como um oficial.

Mesmo com suas roupas gastas e seu modo grosseiro de falar, não se parecia em nada com um marinheiro de

convés. Tinha ares de imediato ou de capitão, acostumado a ser obedecido e a castigar. Seu carregador nos contou que ele chegara na diligência da manhã anterior à hospedaria Royal George e que perguntara por pousadas à beira da praia. Acredito que falaram bem da nossa e, por terem dito que era isolada, tomou sua decisão. Foi tudo o que conseguimos saber sobre aquele hóspede.

No geral, era um homem muito calado. Durante o dia, caminhava pela enseada e pelos penhascos, com uma luneta de bronze na mão. À noite, sentava-se num canto da sala, perto da lareira, e bebia uma mistura muito forte de rum com água. Na maioria das vezes, não respondia quando falavam com ele, apenas lançava um olhar feroz e bufava pelo nariz como uma sirene no nevoeiro. Nós e os frequentadores da pousada logo aprendemos a deixá-lo em paz. Todo dia, ao voltar de sua caminhada, nos perguntava se algum marinheiro havia passado pela estrada. No começo, dizia que desejava companhia, mas depois percebemos que sua real intenção era evitá-las. Quando enfim algum marujo se hospedava na Almirante Benbow (de vez em quando apareciam alguns, para descansar a caminho de Bristol), ele espiava por detrás da cortina da porta antes de entrar na sala, sempre silencioso como um rato. Ao menos para mim, não havia nada de estranho nisso, pois de certa forma eu compartilhava de suas inquietações. Certo dia, me puxou de lado e me prometeu uma moeda de quatro centavos todo começo de mês, para

que eu "ficasse atento a um marujo com uma perna só", e que o avisasse imediatamente assim que o visse. Todo começo de mês eu cobrava meu pagamento. Ele simplesmente bufava e me media da cabeça aos pés. Mas depois de alguns dias ele repensava e pagava meus quatro centavos, repetindo suas ordens para que eu ficasse atento ao "marujo com uma perna só".

Nem preciso dizer o quanto esse personagem perneta me assombrava. Em noites de tempestade, quando o vento sacudia os quatro cantos da casa e as ondas rugiam pela enseada se debatendo nos rochedos, eu o via de mil formas, com mil expressões diabólicas. Às vezes a perna ia só até o joelho, às vezes o corte era já no quadril. Outras vezes era uma criatura monstruosa, já nascida com uma perna só, bem no meio do corpo. O pior dos pesadelos era quando ele vinha correndo atrás de mim, pulando cercas e valas. No final das contas, meu salário era pouco para compensar essas fantasias abomináveis.

No entanto, mesmo aterrorizado pela imagem do marujo de uma perna só, eu era quem menos temia o capitão, dentre os que o conheciam. Em algumas noites ele bebia um pouco além da conta, e então se sentava para cantar suas antigas e grosseiras canções de marinheiro, sem importunar ninguém. Mas em outras pedia uma rodada de rum para todos na sala, e a plateia amedrontada era forçada a ouvir suas histórias ou fazer coro para sua cantoria. A pousada tremeu muitas vezes com o "*Io-ho-hô,*

e uma garrafa de rum", com os presentes engrossando o coro e temendo pela própria vida, um cantando mais alto que o outro para escapar de suas broncas. Nessas ocasiões ele se tornava extremamente desagradável. Batia na mesa pedindo completo silêncio, tinha ataques de raiva quando lhe faziam alguma pergunta, ou quando não faziam nenhuma, pois isso era sinal de que não prestavam atenção. Também não permitia que ninguém saísse da pousada antes que ficasse bêbado o suficiente para ir dormir.

O que mais aterrorizava as pessoas eram suas histórias. Relatos terríveis sobre enforcamentos, marujos condenados à prancha, tempestades em alto mar, e sobre as ilhas Dry Tortugas, além de relatos de selvagerias e lugares estranhos nas possessões espanholas no Caribe. Segundo ele, havia passado a vida entre os homens mais perversos que Deus já pôs sobre o mar, e contava essas histórias usando uma linguagem que chocava os ouvintes quase tanto quanto os crimes que descrevia. Meu pai sempre dizia que a pousada acabaria falindo, pois logo as pessoas deixariam de frequentá-la, sabendo que seriam aterrorizadas, humilhadas e que dormiriam tremendo de medo. Mas eu realmente achava que a presença dele era algo bom para nós.

A princípio as pessoas ficavam amedrontadas, mas em seguida se acostumavam e eventualmente até se divertiam. Era uma boa agitação para a vida pacata da província, e

alguns dos homens mais jovens, inclusive, fingiam admirá-lo, chamando-o de "o verdadeiro lobo do mar", "sábio marujo" e coisas assim. Diziam que era o tipo de homem que fazia a Inglaterra ser temida nos mares.

De certa forma, ele realmente causou prejuízo, pois foi ficando semana após semana, e então mês após mês, até que o dinheiro que havia nos dado de início se esgotou. Ainda assim meu pai nunca teve coragem de cobrar mais. Se sequer mencionasse a questão, o capitão bufava tão alto que parecia rugir, e encarava meu pai até que ele saísse da sala. Meu pai fechava se revoltava com essas recusas, e estou certo de que o nervosismo e o terror que o capitão causava contribuíram para sua morte prematura e infeliz.

Durante todo o tempo em que morou conosco, o capitão nunca trocou de roupas, exceto por umas meias que comprou de um vendedor ambulante. Uma das abas de seu chapéu se desprendeu. Ele o usava mesmo assim, com a aba pendurada e balançando, apesar do incômodo. Me lembro da má aparência de seu casaco, que ele mesmo remendava, e que então já não era mais nada além de retalhos. Nunca enviou ou recebeu carta alguma e não falava com ninguém além de nossos hóspedes. Mesmo com esses, na maioria das vezes, só quando estava bêbado. Quanto ao seu baú, ninguém nunca chegou a vê-lo aberto.

A única vez que vi o capitão sendo enfrentado, já perto do fim, foi quando meu pobre pai estava já muito debilitado pela doença que o levaria. O dr. Livesey veio até

a pousada em um fim de tarde para vê-lo, comeu um pouco do jantar que minha mãe havia preparado e foi à sala fumar seu cachimbo até que trouxessem seu cavalo da aldeia, pois não tínhamos estábulo na velha Benbow. Eu o acompanhei, e me lembro de observar o contraste que o médico, alinhado, culto e de boas maneiras, peruca branca como a neve e olhos negros e brilhantes, causava entre e as pessoas simples e alegres do nosso povoado — mas principalmente o contraste com aquele espantalho imundo, inconveniente e rude que era nosso pirata, bêbado de rum, socando a mesa. De uma hora para outra, o capitão começou a entoar a sua velha cantiga:

— Quinze homens no baú do defunto,
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!
O diabo e a bebida levaram os outros junto,
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!

No começo, eu imaginava o "baú do defunto" idêntico à grande caixa no quarto do capitão, e esse pensamento se juntava aos meus pesadelos com o marujo de uma perna só. Mas àquela altura já nem prestávamos mais atenção na canção. Era uma velha conhecida de todos, exceto do dr. Livesey, em quem o efeito não foi dos melhores. O médico lançou um olhar breve e bastante irritado ao capitão, depois voltou à sua conversa com o velho Taylor, o jardineiro, sobre um novo tratamento para o reumatismo. Enquanto isso, nosso hóspede se empolgava cada vez mais com sua música, e por fim deu um sonoro tapa na mesa,

como sempre fazia quando exigia silêncio. Todas as vozes cessaram imediatamente, exceto a do dr. Livesey. Continuou conversando como antes, no mesmo tom e com a mesma educação, pitando seu cachimbo entre uma frase e outra. O capitão o encarou por um tempo, bateu sua mão novamente, olhou-o de forma ainda mais dura, e por fim lançou sua ordem, ríspida e grave:

— Silêncio aí no convés!

— O senhor falou comigo? — perguntou o doutor.

Quando o valentão retrucou com outro berro, confirmando, o médico respondeu:

— Pois lhe digo apenas uma coisa. Se o senhor continuar bebendo dessa maneira, logo o mundo ficará livre de um canalha.

O capitão foi tomado pela ira. Ergueu-se num salto, sacou sua navalha e, brandindo a lâmina, ameaçou cravar o doutor na parede.

O médico não moveu um só músculo. Impassível, olhando sobre os ombros e usando o mesmo tom de voz, um pouco mais enérgico para que toda a sala ouvisse, mas ainda calmo e firme, disse:

— Se o senhor não guardar sua faca neste instante, juro pela minha honra que será enforcado na próxima sessão do tribunal.

Seguiu-se uma batalha de olhares, mas o capitão logo capitulou, guardou sua faca e sentou-se novamente,

resmungando como um cão obediente. O médico continuou:

— E agora que sei que há um homem como o senhor em minha jurisdição, esteja certo de que ficarei de olho noite e dia. Não sou apenas médico, também sou juiz. Se eu ouvir meia reclamação contra o senhor, mesmo que seja apenas uma perturbação como foi esta noite, tomarei as medidas cabíveis para que seja preso e expulso daqui. Que lhe sirva de aviso.

Logo em seguida, o cavalo do dr. Livesey foi trazido e ele foi embora. O capitão não causou mais problemas naquela noite, nem nas muitas noites que se seguiram.

2.
CÃO NEGRO APARECE E SOME

Não muito tempo depois ocorreu o primeiro dos eventos misteriosos que nos livrariam do capitão, embora, como verão, não nos livraram de seus assuntos. Foi um inverno bastante rigoroso, com geadas longas e pesadas. Ficou claro desde o início que meu pobre pai tinha poucas chances de ver a primavera. Ele piorava a cada dia, e minha mãe e eu assumimos a pousada, o que nos deixou tão ocupados que não dávamos mais muita atenção a nosso desagradável hóspede.

Em uma manhã de janeiro, bem cedo — de um frio cortante —, a enseada estava cinzenta com a geada que rugia, as ondas batiam gentilmente nos rochedos, o sol ainda baixo brilhava no horizonte fazendo reluzir o topo das colinas. O capitão se levantou mais cedo do que era seu costume e logo se dirigiu à praia. Sua espada se debatia sob as abas do velho casaco azul, sua luneta repousava debaixo do braço e seu chapéu estava inclinado para trás. Lembro do rastro de fumaça que seu hálito deixava no ar, e a última coisa que ouvi, antes de ele sumir atrás do grande rochedo, foi um grunhido de indignação, como se o dr. Livesey ainda estivesse em seus pensamentos.

Minha mãe estava no andar de cima com meu pai e eu arrumava a mesa do café para quando o capitão voltasse.

Foi quando a porta do salão se abriu e um homem que eu nunca vira antes entrou. Era um sujeito pálido e corpulento, com dois dedos faltando na mão esquerda. Embora carregasse uma espada, não parecia agressivo. Eu continuava muito atento para qualquer marujo que aparecesse, com uma perna ou duas, e me lembro de que fiquei confuso ao ver aquele homem. Não tinha nenhuma característica de marinheiro, mas algo nele denunciava que era um homem do mar.

Perguntei se desejava algo, e me pediu uma dose de rum. No entanto, quando eu saía, ele se sentou em uma das mesas e fez sinal para que me aproximasse. Fiquei parado onde estava, com o pano de prato na mão.

— Vem aqui, menino. Chega mais perto — disse o sujeito.

Dei um passo em sua direção.

— Esta é a mesa do meu companheiro Bill? — perguntou com um tom malicioso.

Respondi que não conhecia nenhum Bill, e que a mesa estava posta para um de nossos hóspedes, a quem chamávamos de capitão.

— Bom, acho que meu amigo Bill gostaria de ser chamado de capitão — comentou. — Ele tem um corte na bochecha e é bastante simpático, principalmente depois de tomar umas, esse é o meu amigo Bill. Ele está na casa?

Disse a ele que Bill tinha saído para uma caminhada.

— Pra que lado, menino? Pra que lado ele foi?

Apontei para o rochedo e disse por onde o capitão costumava voltar, e a que horas, além de responder a outras perguntas.

— Rá! Pro meu companheiro Bill, me rever vai ser tão bom quanto uma dose de rum.

Sua expressão não era nada agradável ao dizer essa frase, e eu tinha minhas razões para crer que aquilo não era verdade, mesmo supondo que talvez ele estivesse sendo sincero. Mas não era da minha conta, pensei. Além disso, era difícil saber o que fazer. O estranho continuou parado atrás do batente da porta, espiando a rua como um gato espera um rato. A certa altura precisei sair, e quando já estava em direção à estrada, o forasteiro me disse para voltar imediatamente. Como não obedeci com a rapidez que ele esperava, sua face oleosa se transformou terrivelmente, e a forma como praguejou ordenando que eu voltasse me fez dar um salto. Ao entrar novamente na pousada, seus modos voltaram a ser os mesmos de antes, gentis e irônicos. Me deu um tapinha no ombro e disse que eu era um bom menino e que simpatizava muito comigo.

— Eu também tenho um menino — disse —, se parece muito com você e enche meu coração de orgulho. A melhor coisa para um rapazinho é disciplina, menino. Disciplina! Se você já tivesse navegado com Bill, não esperaria eu chamar duas vezes, não. Ah, nem pensar. Não era assim que ele levava as coisas, nem era assim que seus marujos se comportavam. E lá está ele. Sem dúvida é meu

companheiro Bill, com a luneta embaixo do braço. Que Deus o abençoe. Vamos entrar no salão, menino, e ficar atrás da porta pra fazer uma surpresa pro Bill. Deus o abençoe, sim senhor.

E como dito, o estranho voltou comigo para o salão, me colocou atrás da porta e ficou na minha frente, para que ninguém nos visse ao entrar. Eu estava bastante incomodado e receoso, como é de se imaginar. Notar que o sujeito também parecia apreensivo só piorava meu estado. Puxou o cabo do seu sabre e o deixou solto na bainha. Durante todo o tempo, engolia seco como se tivesse um caroço na garganta.

Por fim o capitão entrou, batendo a porta sem olhar para os lados, e cruzou o salão para ir tomar seu café.

— Bill — o estranho chamou, com uma voz que me pareceu intencionalmente forte e ameaçadora.

O capitão se virou para nós. Seu rosto empalideceu tanto que seu nariz ficou azulado. Parecia ter visto um fantasma, o próprio diabo, ou algo pior, se é que existe. Palavra de honra, tive pena ao vê-lo subitamente tão envelhecido e frágil.

— Ora, Bill, você me conhece. Com certeza se lembra de um velho companheiro de tripulação — disse o forasteiro.

O capitão soltou um gemido como se tivesse perdido o ar.

— Cão Negro! — falou por fim.

— E quem mais? — tornou o outro, relaxando um pouco. — O velho Cão Negro de sempre veio visitar seu companheiro Bill na pousada Almirante Benbow. Ah, Bill, Bill, esse mundão já deu muitas voltas pra nós desde que eu perdi meus dedos. — E ergueu sua mão mutilada.

— Escuta aqui — o capitão voltou a si. — Você me encontrou. Aqui estou eu. Então desembucha. O que você quer?

— É você mesmo, Bill — replicou o Cão Negro. — E você está no seu direito, Billy. Vamos tomar um copo de rum, que este bom rapaz aqui, com quem simpatizei muito, vai trazer pra nós. Se você quiser, vamos nos sentar e conversar abertamente, como velhos irmãos de convés.

Quando voltei com o rum, já estavam sentados um de frente para o outro, à mesa onde estava o café do capitão. Cão Negro próximo à porta e sentado de lado, para que pudesse ter um olho no velho conhecido, e outro, como supus, na sua retaguarda.

Ordenou que eu saísse e deixasse a porta aberta.

— E nada de espiar pela fechadura, menino! — ameaçou.

Deixei os dois a sós e fui para a cozinha.

Por um bom tempo, embora eu tivesse me esforçado para ouvir, não consegui discernir nada além de sussurros abafados. Pouco a pouco começaram a falar mais alto, e pude entender algumas palavras, na maioria impropérios vindos do capitão:

— Não, não, não, e chega disso! Se é caso de forca, que enforquem todos e acabou!

De repente houve uma explosão de xingamentos e barulhos — cadeiras e mesas sendo reviradas, seguidas pelo som de aço contra aço, e então um grito de dor. No instante seguinte, vi Cão Negro sair em disparada, com o capitão furioso atrás dele, ambos com suas espadas em punho. Escorria sangue do ombro do forasteiro. Ao passarem pela porta, o capitão quase o acertou com um golpe tão violento que certamente teria partido o homem em dois, caso a grande placa da Almirante Benbow não estivesse no caminho. Ainda hoje dá para ver a marca na parte inferior da tábua.

Esse golpe encerrou a batalha. Logo que ganhou a rua, mesmo ferido no ombro, Cão Negro correu em disparada. Em menos de um minuto desaparecia por detrás da colina. O capitão continuou parado embaixo da placa, enlouquecido. Passou várias vezes a mão pelos olhos e enfim entrou novamente na pousada.

— Jim, rum! — ordenou. Cambaleante, apoiou uma mão na parede.

— O senhor está ferido? — exclamei.

— Rum! — repetiu. — Tenho que dar o fora daqui. Rum! Rum!

Corri para apanhar a bebida, mas estava tão desorientado com toda a confusão que me atrapalhei, quebrei um copo e entortei a torneira do barril. Enquanto

tentava me recompor, escutei um baque no salão, corri de volta e vi o capitão caído. Minha mãe descia as escadas no mesmo instante, assustada com os gritos e sons de luta, e veio em meu auxílio. Conseguimos erguer a cabeça do capitão. Respirava pesadamente e com dificuldade, mas tinha os olhos fechados e um aspecto terrível.

— Valei-me, Deus! — minha mãe exclamou. — Quanta desgraça nesta casa! E o coitado do seu pai doente!

Não fazíamos ideia de como socorrer o capitão. Só o que pudemos pensar foi que havia sofrido algum ferimento fatal na briga com o forasteiro. Por via das dúvidas, peguei o rum e tentei enfiá-lo goela abaixo, mas seus dentes estavam cerrados e seu queixo duro como ferro. Foi um alívio quando a porta se abriu e por ela entrou o dr. Livesey, que vinha para ver meu pai.

— Ah, doutor, o que faremos? — gritamos. — Onde ele está ferido?

— Ferido? Bobagem! — respondeu o doutor. — Não foi ferimento nenhum. Este homem teve um derrame, como eu avisei. Sra. Hawkins, volte lá para cima, e se possível, não conte nada ao seu marido sobre isso. Farei o que puder para salvar a vida miserável deste sujeito. Jim, traga uma bacia.

Quando retornei, o doutor já havia rasgado a manga do capitão, expondo seu braço forte de veias saltadas, tatuado em várias partes. Era possível ler "À sorte", "Bons ventos" e "Salve Billy Bones" nitidamente gravados no

antebraço. Perto do ombro havia uma forca com um homem pendurado — que me pareceu muito bem desenhada.

— Profético — observou o doutor, pondo o dedo sobre a tatuagem. — Muito bem, senhor Billy Bones, se é esse o seu nome, vamos ver como está seu sangue. Jim, você se assusta quando vê sangue? — perguntou.

— Não, senhor — respondi.

— Ótimo, então segure a bacia. — E abriu uma veia com seu bisturi.

Uma boa quantidade de sangue foi retirada até que o capitão acordou e nos olhou confuso. Franziu o cenho ao reconhecer o doutor, mas quando me viu, pareceu aliviado. Sua cor mudou subitamente e tentou se levantar, gritando:

— Cadê o Cão Negro?

— Não tem nenhum cão negro aqui — o doutor respondeu —, a não ser o espírito que lhe acompanha. Você continuou bebendo rum e teve um derrame, exatamente como o adverti. Muito a contragosto, salvei sua vida, por pouco. Agora, sr. Bones…

— Meu nome não é esse — interrompeu o capitão.

— Pouco me importa — replicou o médico. — É o nome de um conhecido pirata, e lhe chamo assim para poupar tempo. Preste atenção: uma dose de rum não vai lhe matar, mas se o senhor tomar uma vai querer outra, e aposto minha peruca que se o senhor não parar com isso de uma vez, será seu fim. Entendeu? O senhor vai morrer e

vai para o lugar que merece, como diz a bíblia. Vamos lá, força agora, lhe ajudo a ir para a cama.

Com muito esforço subimos a escada carregando o capitão, o colocamos na cama e ele tombou a cabeça no travesseiro como se estivesse prestes a desmaiar.

— Que fique bem claro — disse o doutor. — Estou com a consciência tranquila. Rum para o senhor significa a morte.

E me puxou pelo braço para irmos ver meu pai.

— Não é nada demais — me explicou assim que fechou a porta. — O que tirei de sangue dele vai deixá-lo calminho por um tempo. Deve ficar deitado ali por uma semana. É o melhor para ele e para vocês, mas o próximo derrame será fatal.

3.
A MARCA NEGRA

Perto do meio-dia, fui até o quarto do capitão levar bebidas e remédios. Continuava praticamente na mesma posição em que o deixamos, apenas um pouco mais acima na cama, e parecia ao mesmo tempo fraco e agitado.

— Jim, você é o único aqui que vale alguma coisa, e sabe que sempre te tratei bem — me disse. — Nunca deixei de te dar suas moedas. E agora olha só, companheiro, estou à deriva, abandonado por todos. Jim, você me traz um tiquinho de rum, amigão?

— Mas o doutor... — comecei.

Seus xingamentos, em uma voz débil, mas feroz, me interromperam:

— Médicos são uns imprestáveis! E aquele doutorzinho então, o que ele sabe sobre os homens do mar? Já estive em lugares quentes como um poço de piche e vi companheiros caindo aos montes por causa da malária! Vi a terra se sacudir com um terremoto como se estivesse passando por uma tormenta. O que aquele médico de araque sabe de lugares assim? Eu sempre vivi à base de rum. Sempre foi meu pão com manteiga, meu amigo e minha mulher, e se eu não puder tomar meu rum agora, logo vou morrer na praia igual a um náufrago

desgraçado, e a culpa vai ser sua, Jim, sua e daquele doutorzinho inútil.

E continuou com suas lamúrias e pragas:

— Olha só, Jim, como minhas mãos tremem — dizia agora em tom de súplica. — Não consigo parar. Não tomei nem uma gota o dia inteirinho. Aquele doutor é um idiota, me ouça. Se eu não tomar um pouco de rum, Jim, vou começar a delirar. Já comecei a ver fantasmas. Vi o velho Flint, naquele canto atrás de você. Vi ele direitinho. Já vi muita coisa ruim, Jim, se eu começar a delirar vou dar trabalho. O doutor mesmo falou que só um copo não vai me fazer mal. Te dou um guinéu de ouro se você me trouxer um bocadinho de rum, Jim.

Ele se exaltava cada vez mais, e fiquei receoso pelo meu pai, que estava muito mal naquele dia e precisava de tranquilidade. Além disso, o doutor havia me assegurado que uma só dose não faria mal, como o próprio capitão me relembrara, mas também me sentia ofendido com a tentativa de suborno.

— Não quero seu dinheiro — eu disse —, só o que o senhor já deve ao meu pai. Vou trazer um copo, e nada mais.

Quando cheguei com a dose, ele a tomou das minhas mãos e virou o copo de uma vez.

— Agora, sim. Bem melhor, sem dúvida. Me diga uma coisa, companheiro, o médico disse por quanto tempo eu tenho que ficar atracado nesta cama velha?

— Uma semana, no mínimo — respondi.

— Diabos! — exclamou. — Uma semana! Não vai dar, eles vão me mandar a marca negra antes disso. Agorinha mesmo, aqueles patifes devem estar vindo atrás de mim. Os vagabundos não sabem cuidar do que é deles e querem tomar o dos outros. Me diz se isso é jeito de um marujo levar a vida? Eu não, sempre levei tudo contadinho. Nunca desperdicei nem perdi dinheiro, e vou passar a perna neles outra vez. Não tenho medo, não. Vou pra outros portos, companheiro, e eles que se lasquem.

Enquanto falava, levantou-se com dificuldade. Agarrou tão forte meu ombro que quase gritei. Ele movia as pernas como se estivessem inválidas. Suas palavras firmes eram um triste contraste com a fraqueza da voz que as proferia. Ficou sentado por um momento na beirada da cama.

— Aquele doutorzinho acabou comigo — resmungou. — Meus ouvidos estão zumbindo. Me ajuda a deitar de novo.

Antes de conseguir ajudá-lo, já havia caído de volta para a posição onde estava, e assim ficou por algum tempo, sem dizer nada.

— Jim — retomou afinal —, você viu aquele marujo hoje?

— O Cão Negro?

— Ah! Cão Negro! Aquele lá não vale nada, mas quem o enviou é ainda pior. Se eu não conseguir fugir a tempo e

me colocarem a marca negra, saiba que estão atrás é do meu velho baú. Então, arranje um cavalo. Você sabe montar, não é? Bom, arranje um cavalo e... Bom, tem que ser ele! Vá falar com aquele médico imprestável e diga para ele reunir todo mundo, juízes e toda essa corja, para que venham para cá prender todos eles, aqui na Almirante Benbow. São a velha tripulação do capitão Flint, todos eles, pelo menos os que sobraram. Eu fui o imediato do Flint, fui sim, e sou o único que sabe onde fica o lugar. Ele me entregou em Savannah, quando estava à beira da morte, do mesmo jeito que estou agora, entende? Mas só abra a boca se eles vierem me colocar a marca negra, ou se avistar o Cão Negro de novo... ou o marujo de uma perna só. Principalmente ele.

— Mas o que é essa marca negra, capitão? — perguntei.

— É um aviso, companheiro. Se eles me marcarem, eu te digo. Fique de olho bem aberto, Jim, e eu divido minha parte com você, juro pela minha honra.

Divagou um pouco mais, com a voz cada vez mais fraca. Quando lhe dei seu remédio, tomou como se fosse uma criança e fez ainda uma última observação:

— Se algum dia um marujo já precisou de remédio, esse marujo sou eu.

Então caiu em um sono pesado como um desmaio, e o deixei assim. Se as coisas tivessem continuado calmas, não sei o que eu teria feito. Provavelmente contado toda essa

história ao doutor, pois tinha um medo mortal de que o capitão se arrependesse de sua confissão e acabasse comigo. Mas tudo tomou outro rumo quando meu pai morreu naquela mesma noite, o que fez todas as outras questões serem deixadas de lado. Nossa tristeza, a vinda dos vizinhos, os preparativos para o funeral, além de todo o trabalho da pousada, me deixaram tão aturdido que mal tive tempo de pensar no capitão, menos ainda de ter medo dele.

Na manhã seguinte, o capitão desceu até o salão e tomou seu café como de costume, embora tenha comido menos e bebido mais do que sua dose habitual de rum. Isso era certo, pois ele mesmo foi se servir no balcão, mal-humorado e bufando, sem que ninguém tivesse coragem de contrariá-lo. Na noite antes do enterro já estava bêbado como sempre, e era ultrajante ouvir sua cantoria em meio ao luto da casa. No entanto, fraco como estava, todos temiam que caísse morto a qualquer momento. O doutor se ocupou com um paciente a alguns quilômetros de distância e não voltou mais à pousada depois da morte de meu pai. Como eu disse, o capitão estava fraco, e parecia piorar cada vez mais. Subia e descia a escada aos tropeços, e estava sempre na sala ou na copa. Às vezes punha a cara para a rua, para sentir o cheiro do mar, apoiando-se nas paredes, sua respiração pesada e ofegante como se escalasse uma montanha. Não veio falar comigo diretamente, e presumi que tinha se esquecido de

suas confissões. Estava mais irritadiço e, dentro do que seu estado permitia, mais violento. Passou a desembainhar sua espada quando bêbado e colocá-la à sua frente sobre a mesa onde se sentava. Apesar disso, já não incomodava tanto as pessoas e parecia perdido em seus próprios pensamentos e divagações. A certa altura, para nossa grande surpresa, mudou seu repertório e cantou uma espécie de cantiga de amor, talvez aprendida quando jovem, antes de se lançar na vida de marinheiro.

E assim as coisas se passaram até o dia seguinte ao funeral. Por volta das três horas de uma tarde triste, gelada e nevoenta, eu estava parado à porta, perdido em meu pesar por meu pai, quando vi uma figura se aproximar pela estrada. Tratava-se nitidamente de um homem cego, pois andava tateando o caminho com sua bengala. Usava uma venda esverdeada sobre os olhos e nariz. Era corcunda, como se fosse velho ou doente, e usava uma capa de marinheiro com capuz que deformavam sua figura. Eu nunca havia visto alguém mais aterrorizante. Parou a pouca distância da pousada e gritou seu estranho bordão para o nada:

— Quem pode dizer a um pobre cego, que perdeu a visão defendendo a pátria-mãe, querida Inglaterra (Salve o Rei George!), onde ou em que parte do país ele se encontra agora?

— O senhor está na pousada Almirante Benbow, meu senhor — respondi.

— Ouço a voz de um jovem — disse ele. — Pode me dar sua mão, meu bom rapaz, e me guiar para dentro?

Estendi minha mão e aquela criatura desprezível e dissimulada a agarrou subitamente com muita força. Meu susto foi tão grande que tentei me desvencilhar, mas com um movimento do braço o cego me puxou para mais próximo dele.

— Agora, rapaz, me leve até o capitão.

— Não posso fazer isso, senhor.

— Ah, é assim? — sorriu debochado. — Me leve agora ou quebro seu braço.

E torceu meu braço tão forte que me fez gritar.

— Senhor, é para o seu próprio bem. O capitão não é mais o mesmo. Está sempre sentado com sua espada desembainhada à sua frente. Um outro senhor...

— Vamos lá, andando! — me interrompeu, com a voz mais aterrorizante, fria e cruel que eu já ouvi na vida.

Aquilo me intimidou mais do que a dor e cedi imediatamente, levando-o pela porta até o salão onde nosso velho e doente marujo estava, embriagado de rum. O cego se agarrou a mim firmemente e se apoiou sobre meu corpo de uma forma que eu mal podia suportar.

— Me leva direto pra ele, e quando o encontrar diga "tem um amigo seu aqui, Bill". Se não fizer isso, você leva um desses. — E torceu meu braço de novo, com tanta força que pensei que fosse desmaiar.

O terror pelo cego maltrapilho me fez esquecer meu medo do capitão. Abri a porta do salão, e com minha voz trêmula repeti suas palavras.

Assim que o capitão nos viu, ficou completamente sóbrio. Sua expressão não foi de espanto, mas de alguém acometido por um mal súbito. Fez um movimento para se levantar, mas acredito que não lhe restavam forças para tanto.

— Fique quietinho aí, Bill — disse o maltrapilho. — Posso ser cego, mas consigo ouvir até um dedo se mexendo. O dever em primeiro lugar. Levante sua mão esquerda. Rapaz, pegue o braço dele e traga aqui para a minha direita.

Obedecemos à risca, e vi o cego passar algo para a mão do capitão, que se fechou instantaneamente.

— Pronto, está feito — disse o sujeito, me soltando bruscamente. Com extrema destreza e agilidade, saiu do salão e ganhou a estrada. Eu, ainda paralisado, ouvia o toc-toc da sua bengala se distanciar.

Só depois de algum tempo eu e o capitão nos recompusemos. Por fim soltei seu pulso. Ele olhava atentamente a palma de sua mão.

— Virão às dez horas! — gritou. — Tenho seis horas. Dá tempo de pegá-los ainda. — E com um salto se pôs em pé.

Cambaleou tão logo se levantou, levou a mão à garganta, se desequilibrou e caiu com o rosto no chão. O baque foi assustador.

Corri até ele, gritando para minha mãe, mas já era tarde. O capitão caiu fulminado por um derrame. É difícil explicar. Sem sombra de dúvida eu o odiava, mesmo também sentindo pena dele no final, mas ao vê-lo ali, morto, irrompi em lágrimas. Era a segunda morte que eu presenciava, e o luto da primeira ainda estava vivo em mim.

4.
O BAÚ

É claro que não perdi tempo e fui contar à minha mãe tudo o que sabia, talvez devesse até ter contado antes, pois nos vimos subitamente em uma situação difícil e perigosa. Parte do dinheiro do capitão — se é que ele teria algum — era nosso por direito, mas era improvável que sua antiga tripulação estivesse disposta a abrir mão de uma parcela do saque para pagar suas dívidas, principalmente aqueles que eu havia conhecido: o Cão Negro e o cego maltrapilho. Se eu seguisse as ordens do capitão e fosse procurar o dr. Livesey, deixaria minha mãe sozinha e desprotegida, ou seja, era algo impensável. O fato era que nem eu nem ela achávamos possível permanecer na pousada por mais tempo. Qualquer ruído nos assustava, desde o carvão estalando na cozinha até o tique-taque do relógio. Tínhamos a impressão de ouvir passos em toda a vizinhança, nos assombrando. O corpo do capitão estendido no chão da sala e o medo de que aquele detestável cego ainda estivesse por perto e voltasse a qualquer momento, me davam arrepios. Algo tinha que ser feito sem demora, e tivemos a ideia de procurar ajuda na vila próxima, imediatamente. Do modo como estávamos,

mal agasalhados, mergulhamos na névoa gelada do entardecer.

Embora não fosse possível avistar o vilarejo — do outro lado da enseada vizinha —, a distância era curta. O que mais me tranquilizava é que íamos na direção oposta à qual o cego viera, e por onde provavelmente voltaria. Não levamos muito tempo na estrada, mesmo parando de quando em quando para nos mantermos juntos e ficar à escuta. Não havia nenhum ruído suspeito, nada além do barulho distante das ondas e dos animais na mata.

Já estava escuro quando chegamos à vila, e nunca me esquecerei de como fiquei aliviado em ver as luzes amarelas das velas nas portas e janelas. No entanto, essa se mostrou a única ajuda que teríamos ali. Nem uma alma se dispôs a voltar conosco para a Almirante Benbow — algo que deveria causar vergonha aos habitantes daquele vilarejo. Quanto mais contávamos sobre nossas desgraças, mais eles (homens, mulheres, crianças, todos) se encastelavam em suas casas. O nome do capitão Flint, embora desconhecido para mim, era bem familiar para alguns ali e os enchia de terror. Alguns dos homens que trabalhavam nos campos mais distantes se recordavam, inclusive, de terem visto vários estranhos passando pela estrada. Pensaram se tratar de contrabandistas e se mantiveram afastados. Pelo menos um desses camponeses disse ter visto um pequeno navio ancorado no porto que chamávamos de Toca do Gato. Por causa disso tudo,

qualquer menção a algum conhecido do capitão já era suficiente para fazê-los morrer de medo. No final das contas, muitos se dispuseram a ir procurar o dr. Livesey, cuja casa ficava em outra direção, mas ninguém teve coragem de voltar conosco até a pousada e proteger o lugar.

Dizem que a covardia é contagiosa. O discurso, por outro lado, é encorajador. Depois de todos darem suas desculpas, minha mãe lhes devolveu um sermão. Declarou que não abriria mão do dinheiro que pertencia a seu filho, agora órfão de pai.

— E se nenhum de vocês tem coragem, Jim e eu iremos sozinhos — disse ela. —Voltaremos pelo mesmo caminho, sem nenhuma ajuda de vocês, covardes. Vamos abrir aquele baú mesmo que custe nossas vidas. Eu lhe agradeço, senhora Crossley, se puder nos emprestar essa bolsa para guardarmos o dinheiro que é nosso por direito.

É claro que eu disse que acompanharia minha mãe, e é claro que todos reprovaram nossa imprudência, mas ninguém se dignou a ir conosco. Só o que fizeram foi me dar uma pistola para me defender, e prometeram deixar cavalos de prontidão para o caso de sermos perseguidos. Um rapaz se ofereceu para ir até a casa do dr. Livesey e pedir o auxílio de oficiais armados.

Meu coração batia acelerado quando minha mãe e eu partimos para a arriscada aventura que aquela noite fria nos guardava. A lua cheia começava a despontar, furando a

névoa com sua luz avermelhada, o que nos fez apertar o passo, pois indicava que logo ficaria clara e nos deixaria expostos em nossa fuga. Andávamos rápido e em silêncio à beira da estrada. Para nosso alívio, não vimos nem ouvimos nada suspeito até chegarmos na pousada.

Tranquei a porta assim que entramos, e por um momento ficamos parados no escuro, ofegantes, com o cadáver ali ao lado. Minha mãe apanhou uma vela na cozinha, e de mãos dadas atravessamos a sala. O capitão continuava do mesmo jeito, estendido de barriga para cima, olhos arregalados e um braço esticado.

— Feche as cortinas, Jim — minha mãe sussurrou. — Eles podem nos ver de lá de fora.

Fechei e ela continuou:

— Precisamos tirar a chave dele, e quero só ver quem vai fazer isso — disse quase soluçando.

Tomei coragem e me ajoelhei. Caído no chão, perto da mão do morto, havia um pedacinho de papel, escurecido em um dos lados. Sem dúvida era a marca negra. Apanhei e vi um pequeno aviso escrito em uma caligrafia muito boa: "Você tem até as dez da noite."

— O prazo dele era até as dez horas, mãe. — Tão logo disse isso, nosso velho relógio começou a bater.

Levamos um grande susto com as badaladas, mas era uma boa notícia: ainda eram seis da tarde.

— Vamos, Jim, a chave.

Vasculhei seus bolsos um a um. Tudo o que encontrei foram algumas moedas, um dedal, um pedaço de barbante, agulhas grossas, um rolo de fumo mordido nas pontas, uma faca com o cabo rachado, uma bússola e um isqueiro de pavio. Comecei a perder as esperanças.

— Talvez esteja amarrada no pescoço — sugeriu minha mãe.

Dominando minha forte repulsa, abri seu colarinho e lá estava a chave, presa a um cordão encerado, que cortei com sua própria faca. O achado nos encheu de ânimo e corremos para o andar de cima até o quarto onde o capitão havia se hospedado por tanto tempo, e onde o baú ficou desde a sua chegada.

Era um baú comum de marinheiro, com a letra B gravada na tampa. As bordas amassadas e lascadas por tanto tempo de maus tratos.

— Dê aqui a chave — pediu minha mãe. Mesmo com a fechadura emperrada, conseguiu abrir e levantar a tampa com um solavanco.

Ergueu-se um forte cheiro de tabaco e alcatrão, mas não havia nada à vista a não ser um terno de ótima qualidade, cuidadosamente escovado e dobrado. Minha mãe comentou que nunca havia sido usado. Por baixo dele havia uma porção de coisas: um quadrante, uma caneca de latão, rolos de fumo, duas lindas pistolas, uma barra de prata, um velho relógio feito na Espanha, e algumas bugigangas de pouco valor, a maioria vinda de outros

países, além de duas bússolas de bronze e seis conchas apanhadas nas Índias Ocidentais, bastante interessantes. Desde esse dia fiquei imaginando por que o capitão, em sua vida errante de homem procurado, carregava aquelas conchas consigo.

Até então, não havíamos encontrado nada de valor a não ser a prata e as bugigangas, que naquelas circunstâncias não nos interessavam em nada. Embaixo daquilo tudo havia uma velha capa de marinheiro, esbranquiçada pelos anos de maresia. Minha mãe a arrancou dali com impaciência, e vimos as últimas coisas que restavam no baú: um pacote de tecido impermeável que parecia conter alguns papéis, e um saco de lona que, ao primeiro toque, fez um tilintar de moedas.

— Vou mostrar àqueles bandidos que sou honesta — declarou minha mãe. —Vou pegar somente o que é meu por direito, e nem um centavo a mais. Abra a bolsa da senhora Crossley.

E começou a contar as moedas e a passar algumas para a bolsa que eu segurava.

Era um trabalho lento e complicado, pois as moedas eram de vários países e tinham diversos tamanhos — dobrões, luíses, guinéus, peças de oito, e sabe-se lá o que mais, todas misturadas sem critério. O que menos havia era guinéus, e somente com eles minha mãe sabia fazer contas.

Mais ou menos na metade da contagem, agarrei o braço dela, pois escutei em meio ao vento gelado um ruído que quase fez meu coração sair pela boca: o *toc-toc* da bengala do cego vindo pela estrada. Ficamos paralisados, sem respirar, ouvindo-o se aproximar cada vez mais, até bater com força na porta da pousada. A maldita criatura tentou abrir, girando a maçaneta e sacudindo o ferrolho. Seguiu-se um longo silêncio, tanto do lado de fora como de dentro. O *toc-toc* recomeçou, e para nosso grande alívio, o ouvimos se distanciar até tudo ficar em silêncio novamente.

— Mamãe, pegue logo tudo e vamos embora daqui — implorei, certo de que a porta trancada teria levantado suspeitas, e em breve toda a corja retornaria para nos pegar.

Só quem conhecesse aquele maldito cego poderia imaginar como eu estava aliviado por ter trancado a porta.

Minha mãe, no entanto, mesmo apavorada como estava, jamais aceitaria ficar com menos do que o capitão lhe devia, tampouco pegaria mais. Ainda faltava muito para as sete horas, apontou ela, dizendo que não desistiria do que era seu por direito. Continuou teimando até ouvirmos um assobio curto e baixo, vindo dos lados da colina. Foi o que bastou para nós dois.

— Vou levar o que já peguei — disse minha mãe, ficando em pé no mesmo instante.

— E eu levo isto para fechar a conta. — E apanhei o embrulho com os papéis.

Deixamos a vela ao lado do baú, atravessamos a sala tateando, abrimos a porta e saímos em disparada. Foi no momento exato, pois a neblina estava se dissipando rapidamente e a lua já clareava as colinas em ambos os lados da estrada. Apenas no vale onde estávamos, em volta da taberna, havia ainda uma fina névoa que encobria os primeiros passos de nossa fuga. Ainda no começo do caminho para o vilarejo, apenas um pouco além do pé da colina, o luar já nos expunha. Além disso, começamos a ouvir o som de passos, e ao virarmos para averiguar, pudemos ver a luz oscilante do lampião de um deles, avançando em nossa direção.

— Filho — minha mãe rompeu o silêncio —, pegue o dinheiro e continue correndo. Vou desmaiar.

Sem dúvida nosso fim havia chegado, pensei. Amaldiçoei a covardia de nossos vizinhos. Culpei a coitada da minha mãe por ser tão honesta e gananciosa, e por ter sido tão teimosa e agora tão fraca. Por sorte, estávamos já perto da pequena ponte, e a ajudei a chegar, já cambaleante, até a margem do rio. Com um suspiro, ela desabou sobre meu ombro. Não sei como tive forças, e talvez nem tenha sido a melhor ideia, mas consegui arrastá-la até quase debaixo da ponte. Não pude ir mais longe, pois o arco era baixo demais e só me permitia rastejar até embaixo. Aquele era o único esconderijo

possível — praticamente ao lado da pousada, com minha mãe quase totalmente exposta.

5.
O CEGO ENCONTRA SEU FIM

De certa forma, minha curiosidade foi maior que meu medo, pois não consegui continuar parado ali e rastejei de volta para a margem do rio. De lá, oculto por um arbusto, eu podia observar o caminho que ia até nossa porta. Mal me posicionei e já pude ver meus perseguidores, sete ou oito deles, correndo afobados com o sujeito com o lampião um pouco à frente. Três deles corriam juntos, de mãos dadas. Mesmo em meio à nevoa, consegui discernir o cego ao centro. Sua voz confirmou minha suspeita:

— Derrubem a porta!

— Sim, senhor! — dois ou três dos capangas responderam.

Correram para a entrada da Almirante Benbow, com o sujeito do lampião logo atrás. Pararam à porta e os ouvi sussurrando, talvez pela surpresa de encontrá-la aberta. Foi uma pausa curta, no entanto, pois o cego logo deu novas ordens. Sua voz era cada vez mais alta, inflamada pela impaciência e a raiva.

— Vamos! Para dentro! — gritou, repreendendo-os pela demora.

Quatro ou cinco obedeceram imediatamente, e dois permaneceram na estrada com aquele cego medonho.

Houve um momento de silêncio, seguido por um grito de surpresa, e então uma voz gritou de dentro da casa:

— O Bill morreu!

A resposta do cego foi praguejar uma vez mais por causa da demora.

— Pois revistem ele, seus palermas, e o restante vai procurar o baú — gritou.

Pude ouvi-los subindo a escada, tão ruidosamente que a casa pareceu tremer. Logo em seguida, novos gritos de espanto, e então a janela do quarto do capitão se escancarou violentamente, e ouvi os vidros se quebrando. Vi um dos homens se debruçar no parapeito, contra o luar, e gritar para o cego na entrada:

— Pew, chegaram antes de nós! Alguém já revirou o baú!

— Mas o que queremos está aí? — indagou Pew.

— O dinheiro está.

O cego praguejou contra o dinheiro.

— Estou falando dos papéis do Flint! — exclamou.

— Não estou vendo em lugar nenhum — tornou o outro.

— Vocês aqui embaixo, revistaram o Bill? — perguntou o cego.

Outro sujeito, provavelmente o encarregado de revistar o capitão, saiu pela porta dizendo:

— Alguém já mexeu no Bill. Não sobrou nada.

— Foram os malditos da pousada. É aquele rapaz. Vou arrancar os olhos dele! — vociferou o cego Pew. — Não deve fazer muito tempo. A porta estava trancada quando eu vim aqui antes. Se espalhem e encontrem eles!

— Deve ter sido isso mesmo, até largaram a vela aqui — disse o homem na janela.

— Se espalhem e encontrem eles! Deitem a casa abaixo! — Pew ordenou novamente, batendo a bengala no chão.

Um grande alvoroço se fez em nossa velha pousada. Passos pesados marchavam por todos os lados, móveis eram revirados, portas batidas — a barulheira era tanta que ecoava nos rochedos. Então os homens começaram a sair para a rua, um após o outro, dizendo que não haviam encontrado nada. Um assobio rasgou a noite, o mesmo que havia assustado minha mãe e eu minutos atrás, mas desta vez foi repetido duas vezes. Eu havia imaginado que o assobio era do próprio cego, convocando seu bando para o ataque, mas constatava agora que vinha das colinas ao lado do vilarejo, e que pelo efeito que causou nos piratas, tratava-se de um aviso de perigo próximo.

— É o Dirk de novo! — disse um deles. — Assoviou duas vezes! Temos que zarpar, companheiros!

— Zarpar uma ova, seu palerma! — exclamou Pew. — Dirk sempre foi um covardão, não liguem pra ele. O rapaz e a mãe devem estar perto, não podem ter ido muito longe.

Aposto que estão aqui do lado! Se espalhem e procurem por eles, imbecis! Ah, se eu não fosse cego!

A bronca pareceu surtir algum efeito, pois dois dos capangas começaram a vasculhar o depósito de lenha, aparentemente de má vontade e mais preocupados com a própria segurança, enquanto os outros permaneceram na rua, hesitantes.

— Vocês estão prestes a pôr a mão numa fortuna, seus animais, e ficam aí de corpo mole! O tesouro de um rei dando sopa e vocês comendo mosca! Ninguém teve coragem de encarar o Bill, só eu, um cego! E por causa de uns palermas como vocês, vou perder minha chance! Vou ter de continuar rastejando feito um mendigo, implorando por uma dose de rum, quando podia estar andando de carruagem! Se tivessem um mínimo de iniciativa, já os teriam pego.

— Calma lá, Pew, já pegamos os dobrões — resmungou um deles.

— Devem ter escondido aquela porcaria — emendou outro. — Pegue o dinheiro, Pew, e pare com esse ataque de nervos.

"Ataque" era mesmo uma boa forma de descrever aquilo. Diante dessas objeções, a indignação de Pew foi tão grande que, dominado pela raiva, começou a atacá-los a torto e a direito, e mesmo sem enxergar acertou sua bengala em mais de um deles.

Os piratas, por sua vez, começaram a xingar o cego de nomes horríveis, e sem sucesso tentavam arrancar a bengala de suas mãos.

Essa confusão foi o que nos salvou, pois enquanto se engalfinhavam, um outro barulho veio do alto das colinas vizinhas ao vilarejo — um tropel de cavalos. Quase ao mesmo tempo, das cercas à beira da estrada veio o clarão e o estampido de um tiro de pistola. Aquele devia ser o sinal de perigo máximo, pois os bandidos debandaram de uma vez, cada qual em uma direção. Uns pela praia, outros colina acima e assim por diante. Em menos de um minuto o único que sobrou ali foi Pew, abandonado não sei se pelo pânico do momento ou como revanche pelas broncas e bengaladas. Lá ficou ele, tateando a estrada freneticamente com sua bengala e chamando pelos seus comparsas. Acabou tomando a direção errada, o caminho para o vilarejo. Passou a alguns metros de onde eu estava, gritando:

— Johnny! Cão Negro! Dirk! Não abandonem o velho Pew, amigos! Não deixem o velho Pew!

Foi bem nesse momento que quatro ou cinco cavaleiros surgiram no topo da colina, visíveis à luz do luar, descendo a todo galope.

Pew se deu conta de seu erro e com um grito se virou, mas tropeçou em uma vala e caiu rolando. Em um segundo já estava de pé e disparou novamente, completamente

desnorteado, indo de encontro ao cavalo que vinha à frente do grupo.

O cavaleiro tentou desviar, mas foi em vão. Com um grito lancinante que ecoou pela noite, Pew foi pisoteado pelos quatro cascos do animal, que não conseguiu parar. O cego caiu de lado, tombando lentamente até seu rosto tocar o chão, e não se mexeu mais.

Me levantei e chamei os homens. Já estavam parados, chocados com o acidente, e logo vi quem eram. O que vinha atrás era o rapaz do vilarejo que se dispôs a ir buscar o dr. Livesey. Os outros eram coletores de impostos que encontrou pelo caminho e teve a excelente ideia de contar-lhes o caso e trazê-los até a Almirante Benbow. O inspetor Dance ouviu os rumores sobre o navio ancorado na Toca do Gato e também decidiu ir até a pousada averiguar. Foi graças a isso que eu e minha mãe escapamos.

Pew estava morto, sem sombra de dúvida. Quanto à minha mãe, a carregamos até o vilarejo, e com um pouco de água fria e sais de cheiro ela logo se recuperou. Não deu tanta importância aos momentos de terror que havia passado, mas se ressentia pelo dinheiro que o capitão ficou lhe devendo. Enquanto isso, o inspetor foi o mais rápido que pôde até a Toca do Gato. Seus homens, no entanto, tiveram de desmontar e descer o barranco com dificuldade, puxando seus cavalos e atentos a emboscadas que poderiam vir de qualquer lugar. Por isso, não foi uma